



Ícone russo

Lucas, o evangelista
do amor,
pobreza, oração,
renúncia e alegria

Lucas é o Evangelho do amor. O livrinho de parábolas do capítulo 15, a célebre parábola do samaritano, o “discurso da planície” (6, 17-49), a atenção de Jesus pelos excluídos, a eleição dos pobres e dos oprimidos, a dádiva aos pecadores, a fidelidade à História são elementos que repropõem ao crente de hoje um empenho renovado de solidariedade, de amor e de justiça segundo as novas e atuais coordenadas históricas. O Evangelho de Lucas apresenta-se como um apelo a redescobrir a dimensão social da fé, sem que ela se esgote numa simples proposta política. A história humana é um espaço onde o cristão deve sujar as mãos para contribuir para a plena realização do homem amado por Deus.

Lucas é o Evangelho da pobreza. Os pobres são evangelizados (cf. 4, 18): os pastores, a viúva que dá tudo, os discípulos que devem deixar tudo, os miseráveis que Jesus encontra no seu caminho cão os cidadãos do Reino de Deus, enquanto que os ricos insensatos (12, 13-21), os fariseus «amantes do dinheiro» (cf. 16, 9.14), aqueles que estão saciados e levam uma vida despreocupada são expulsos e refutados por Cristo. O jovem rico, apesar dos seus dons humanos e religiosos, não serve a Jesus se não distribui aos pobres «tudo quanto possui» (18, 22); «como é difícil para os que têm riquezas entrar no Reino de Deus! Sim, é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus!» (18, 24-25). Contra a idolatria do consumismo e do bem-estar, Lucas celebra o afastamento e a doação, exaltando a escolha preferencial de Cristo e dos cristãos pelos pobres.

Lucas é o Evangelho da oração. Cristo é retratado como o perfeito orante que nos momentos decisivos da sua vida se confia ao diálogo íntimo com o Pai. Lucas é um verdadeiro “catecismo da oração”. Uma atenção particular merecem os hinos do Evangelho da infância, que entram na liturgia cristã (“*Magnificat*”, “*Benedictus*”, “*Gloria in excelsis*”, “*Nunc dimittis*”): o seu aprofundamento permitirá celebrá-los com mais intensidade e revelar-nos-á a sua riqueza, ao mesmo tempo que nos faz entrar em sintonia com a oração da comunidade cristã das origens.

Lucas é o Evangelho da renúncia. «Quem olha para trás, depois de deitar a mão ao arado, não é apto para o Reino de Deus» (9, 62). Para seguir Jesus é preciso decidir por

uma escolha radical, é preciso libertar-se de todo o compromisso, sobretudo com o dinheiro. É um imperativo diário de distanciamento que exige «deixar tudo» (5, 11) e «tomar a sua cruz, dia após dia» (9, 23). Lucas lança-nos um convite permanente a libertarmo-nos da idolatria das coisas e do egoísmo para ser, como Jesus e com Jesus, em marcha para a cidade do nosso verdadeiro destino.

Lucas é o Evangelho da alegria. O evangelista utiliza cinco verbos para a exprimir a alegria em 27 passos do seu escrito. Cristo, com a sua vinda à trama quotidiana dos nossos dias e nas nossas obras, lança a semente da felicidade e da esperança messiânica, sobretudo no coração dos homens «perdidos reencontrados», como se comprova na parábola do capítulo 15 (cf. versículos 5.6.7.9.10.23.25.32). Com Lucas há, portanto, a recuperação da dimensão jubilosa do Reino e da experiência da fé. Alegria que se manifesta sobretudo quando um «irmão que era morto regressa à vida», quando um «irmão que estava perdido é reencontrado» (15,32).

Em memória de Leonor Xavier:

«*A vida é um milagre
e a morte é um grande mistério*»



«Creio muito na unidade na diversidade das vozes e das pessoas»; «os cristãos não podem ser passivos»; «há um compromisso quando se escreve»: a 24 de abril de 2019, a escritora Leonor Xavier participou no ciclo “E Deus nisso tudo?”, conjunto de conversas com a jornalista Maria João Avillez organizado pela paróquia do Campo Grande, em Lisboa.

Durante o diálogo de aproximadamente uma hora, que pela primeira vez é apresentado em vídeo, Leonor Xavier recorda alguns dos momentos determinantes da sua vida, desde a juventude até às iniciativas mais recentes preparadas na comunidade da capela do Rato, também na capital

[<https://youtu.be/insPJ0geVcw?t=69>]

O tempo passado no Brasil, as múltiplas vivências e as «derrapagens» por que passou, os diários suspensos, o cancro, doença que a acompanhou nos últimos anos e que causou a sua morte, neste domingo, 12 de dezembro, aos 78 anos, foram alguns dos temas referidos na entrevista.

Sobre a fé, Leonor Xavier falou da

religiosidade nos primeiros anos de vida, da necessidade de continuamente dar graças a Deus, do percurso no movimento Nós Somos Igreja, dos Padres do Deserto, da alegria e do sofrimento narrados nos Evangelhos, do júbilo, do perdão, do sopro do Espírito Santo, do papa Francisco, do diálogo entre as diferenças.

Nascida em Lisboa no ano de 1943, Leonor Xavier licenciou-se em Filologia Românica. Iniciou-se no romance com “Ponte-aérea”, seguindo-se “O ano da travessia” e “Botafogo”. Foi biógrafa de Maria Barroso, Raul Solnado e Rui Patrício. Escreveu o livro de crónicas “Colorido a preto e branco” e a autobiografia “Casas contadas” (prémio Máxima de Literatura 2010). Foi agraciada com o grau de Oficial da Ordem de Mérito, em 1987.

Publicou igualmente “Doze mulheres e um almoço de Natal”, “Passageiro clandestino” (em torno à doença oncológica, prémio Frei Bernardo Domingues 2016), “Portugal tempo de paixão”, “Portugueses do Brasil e brasileiros de Portugal”, “Peregrinação” e “Há laranjeiras em Atenas”. Em 2022 prevê-se o lançamento do seu último livro, “Adolescência”.

RUI JORGE MARTINS / Imagem:
Leonor Xavier | D.R. / Publicado em
16.12.2021

https://www.snpcultura.org/leonor_xavier.html

Pesar do Papa pela morte do arcebispo sul-africano **DESMOND TUTU**

Com tristeza o Papa Francisco recebeu a notícia da morte neste domingo [26 de dezembro], aos 90 anos, do arcebispo anglicano **DESMOND TUTU**. Sua morte foi anunciada pelo presidente sul-africano Cyril Ramaphosa, que expressou "em nome de todos os sul-africanos, profunda tristeza pela morte de uma figura essencial na história do país".

O pesar do Pontífice foi expresso em telegrama assinado pelo cardeal secretário de Estado, Pietro Parolin, e endereçado ao núncio apostólico na África do Sul, Dom Peter B. Wells, onde também ofereceu as condolências a sua família. Consciente de seu serviço aos Evangelho pela promoção da igualdade e reconciliação racial em sua África do Sul", confia sua alma à misericórdia amorosa do Deus Todo Poderoso.

O Santo Padre também invocou as "bênçãos divinas da paz e consolação no Senhor Jesus" sobre todos os que choram a sua morte, na certeza da esperança da ressurreição.



Em frente à Catedral de São Jorge, na Cidade do Cabo, casal olha para foto do arcebispo sul-africano **DESMOND TUTU**. (Photo by GIANLUIGI GUERCIA / AFP) (AFP or licensors)

Símbolo da resistência ao apartheid, promotor da reconciliação, consciência da África do Sul. Pela sua luta incansável e não violenta contra o regime racista, o arcebispo anglicano Desmond Tutu recebeu, em 1984, o Prêmio Nobel da Paz. Ele também apoiou o processo de reconciliação nacional no país e foi um enérgico defensor dos direitos humanos.

O Prêmio Nobel da Paz

Símbolo da resistência ao apartheid, promotor da reconciliação, consciência da África do Sul. Pela sua luta

incansável e não violenta contra o regime racista, o arcebispo anglicano Desmond Tutu recebeu, em 1984, o Prêmio Nobel da Paz. Ele também apoiou o processo de reconciliação nacional no país e foi um enérgico defensor dos direitos humanos.

Comissão de Verdade e Reconciliação

Desmond Tutu, nascido em 7 de outubro de 1931 na pequena cidade mineira de Klerksdorp, a sudoeste de Joanesburgo, organizou marchas pacíficas durante os períodos mais sombrios do regime segregacionista, pedindo sanções internacionais contra o regime branco de Pretória. Com Nelson Mandela como presidente da África do Sul, deu vida à Comissão para a Verdade e Reconciliação na tentativa de promover a pacificação entre as duas almas de seu país, virando para sempre a página do ódio racial, destacando as atrocidades cometidas durante a repressão dos brancos e, ao mesmo tempo, tentando promover uma forma de perdão por um lado e uma reparação moral para os familiares das vítimas, por outro.

<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-12/papa-francisco-telegrama- pesar-morte-arcebispo-desmond-tutu.html>

ACREDITAR É OUTRA COISA

Estamos a viver uns tempos em que cada vez mais o único modo de poder acreditar verdadeiramente vai ser para muitos aprender a acreditar de outra forma. Já o grande convertido John Henry Newman anunciou esta situação quando advertia que **uma fé passiva, herdada e não repensada acabaria entre pessoas educadas em «indiferença», e entre pessoas simples em «superstição»**. É bom lembrar alguns aspetos essenciais da fé.

A fé é sempre uma experiência pessoal. Não basta acreditar no que os outros nos pregam sobre Deus. Cada um só acredita, em suma, no que realmente acredita no fundo do seu coração ante Deus, e não no que ouve dizer a outros. Para acreditar em Deus é necessário passar de uma fé passiva, infantil e herdada para uma fé mais responsável e pessoal. Esta é a primeira pergunta: acredito em Deus ou naqueles que me falam dele?

Na fé, nem tudo é igual. Temos de saber diferenciar o que é essencial e o que é acessório, e, depois de vinte séculos, há muito de acessório no nosso cristianismo. A fé daquele que confia em Deus está para além das palavras, das discussões teológicas e das normas eclesiais. O que define um cristão não é ser virtuoso ou cumpridor, mas viver confiando num Deus próximo pelo que se sente amado sem condições. Esta pode ser

a segunda questão: confio em Deus ou fico preso noutras questões secundárias?

Na fé, o importante não é afirmar que se acredita em Deus, mas sim saber em que Deus se acredita. Nada é mais decisivo do que a ideia que cada um faz de Deus. Se acredito num Deus autoritário e justiceiro, acabarei por tentar dominar e julgar todos. Se acredito num Deus que é amor e perdão, viverei amando e e perdoando. Esta pode ser a pergunta: em que Deus acredito: num Deus que responde às minhas ambições e interesses ou no Deus vivo revelado em Jesus?

A fé, por outro lado, não é uma espécie de «capital» que recebemos no batismo e de que podemos dispor para o resto das nossas vidas. A fé é uma atitude viva que nos mantém atentos a Deus, abertos todos os dias ao seu mistério de proximidade e amor por cada ser humano.

Maria é o melhor modelo desta fé viva e confiada. A mulher que sabe ouvir Deus no fundo do seu coração e vive aberta aos seus desígnios de salvação. A sua prima Isabel louva-a com estas palavras memoráveis: «Bem aventurada és tu, porque acreditaste!» Feliz também és tu se aprenderes a acreditar. É a melhor que te pode acontecer na vida.

José Antonio Pagola

Epifania:

Um Deus ao nosso alcance

AFESTA DA EPIFANIA, que hoje celebramos, tem uma grande importância simbólica para a Igreja. Nas poucas linhas de um episódio do qual nem sequer se conhecem bem as bases históricas, descreve-se o símbolo do grande caminho dos povos para o Senhor que nasceu, um caminho que já está em curso, desde há dois mil anos, e que só terminará com o encerramento da história humana. Neste caminho, participam também uma multidão de pessoas aparentemente não cristãs, muitas das quais estão ligadas a Cristo por aquilo que dá pelo nome técnico de «batismo de desejo», outros ainda por aquilo que costuma ser chamado, antes, «batismo de sangue». Trata-se, portanto, de uma multidão imensa, que ninguém pode contar.

A importância dada a esta manifestação universal de Cristo também deriva do facto de que aqui, na revelação feita aos misteriosos Magos, a Igreja relê claramente outras manifestações de Jesus: a do Batismo no Jordão, e a que foi feita às multidões da Palestina, mediante a multiplicação dos pães. Jesus apresenta-se, portanto, como Aquele que pode ser procurado a partir de qualquer condição humana, por todos aqueles que calorreiam os caminhos deste mundo.

E também foi assim que o Santo Padre João Paulo II definiu o meu ministério de bispo, quando me ordenou solenemente na Basílica de São Pedro, em Roma. Disse que me conferia «o sacramento do caminho», habilitando-me, assim, a percorrer com todos os caminhos da vida quotidiana, em busca da estrela, ou seja, dos sinais do Deus vivo. (...)

A Igreja tem, certamente, necessidade de bons bispos mas, muito mais do que os prelados, contam os santos, aqueles que vivem o Batismo numa autêntica relação com Deus e com os irmãos, em especial com os mais pobres.

Uma relação semelhante, ou uma rede de relações boas e evangélicas, está presente em todos aqueles que renunciaram a algo de si, que se põem a caminho como os Magos, fiando-se da tênue mensagem de uma estrela, que não têm medo de momentos de escuridão e que enfrentam os sacrifícios de um longo caminho para receber o Menino Jesus dos braços da Mãe. Estou certo que todos aqueles que empreendem, resolutos, essa caminhada, receberão o cêntuplo nesta vida, bem como a vida eterna.

Card. CARLO MARIA MARTINI
(1927-2012)
In *Tomados de assombro*, ed. Paulinas.



Relato desconcertante

ANTE JESUS PODE-SE ADOTAR atitudes muito diferentes. O relato dos magos fala-nos da reação de três grupos de pessoas. Uns pagãos que o procuram, guiados pela pequena luz de uma estrela. Os representantes da religião do Templo, que permanecem indiferentes. O poderoso rei Herodes, que só vê um perigo.

Os **magos** não pertencem ao povo eleito. Não conhecem o Deus vivo de Israel. Nada sabemos da sua religião nem do seu povo de origem. Apenas que vivem atentos ao mistério que se encerra no cosmos. O seu coração procura a verdade.

Em algum momento acreditam ver uma pequena luz que aponta para o Salvador. Necessitam saber quem é e onde está. Rapidamente se colocam a caminho. Não conhecem o itinerário preciso que têm de seguir, mas no seu interior arde a esperança de encontrar uma Luz para o mundo.

A sua chegada à cidade santa de Jerusalém provoca o sobressalto geral. Convocado por Herodes, reúne-se o **grande**

Conselho «dos sumos-sacerdotes e dos escribas do povo». A sua atuação é dececionante. São os guardiões da verdadeira religião, mas não procuram a verdade. Representam o Deus do Templo, mas vivem surdos à sua chamada.

A sua segurança religiosa cega-os. Conhecem onde há de nascer o Messias, mas nenhum deles se aproximará de Belém. Dedicam-se a dar culto a Deus, mas não suspeitam que o seu mistério é maior que todas as religiões, e tem os seus caminhos para encontrar-se com todos os seus filhos e filhas. Nunca reconhecerão a Jesus.

O **rei Herodes**, poderoso e brutal, só vê em Jesus uma ameaça para o seu poder e a sua crueldade. Fará todo o possível para o eliminar. A partir do poder opressor só se pode «crucificar» quem traz a libertação.

Entretanto, os magos prosseguem a sua busca. Não caem de joelhos ante Herodes: não encontram nele, nada digno de adoração. Não entram no Templo grandioso de Jerusalém: têm proibido o acesso: A pequena luz da estrela atrai-os para a pequena povoação de Belém, longe de todo o centro de poder.

Ao chegar, o único que vêm é o «menino com Maria, Sua mãe». Nada mais. Um menino sem esplendor nem qualquer poder. Uma vida frágil que necessita o cuidado de uma mãe. É suficiente para despertar nos magos a adoração.

O relato é desconcertante. A este Deus, escondido na fragilidade humana, não o encontram os que vivem instalados no poder ou encerrados na segurança religiosa. É revelado a quem, guiado por pequenas luzes, procuram incansavelmente uma esperança para o ser humano na ternura e na pobreza da vida.

JOSÉ ANTONIO PAGOLA

Epifania do Senhor (Mateus 2,1-12)

<https://domtotal.com/noticia/1413130/2020/01/r-elato-desconcertante/>

Epifania



Fra Angelico

É uma das festas mais importantes do ano cristão, e celebra a manifestação ou as manifestações de Cristo Jesus.

É uma palavra grega que deriva de *epi* e *faino* (brilhar, manifestar-se). Paulo diz a Tito que «manifestou-se (epifane) a graça de Deus... aguardando a ditosa esperança e manifestação (epifaneia) da glória do nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo» (Tt 2,11.13).

A celebração da Epifania teve a sua origem nas Igrejas do Oriente. No século III, aparece no Egipto – para dali passar facilmente a Jerusalém e à Síria, no século IV –, como festa celebrativa da manifestação do Senhor, entendida como seu nascimento, relacionada provavelmente com uma festa do Sol, época do ano em que a duração do dia começa já a triunfar sobre a da noite. Por isso, tem também o nome da «festa das luzes».

Rapidamente, passou também a Roma e ao Ocidente, apesar de, ali, por essa

mesma altura, ter surgido a festa da Natividade, do nascimento do Salvador. Parece ter havido um intercâmbio: no Ocidente, aceitou-se também a Epifania, dando-se-lhe o sentido da manifestação aos magos, como representantes dos povos pagãos; e, no Oriente, foi aceite, por sua vez, a Natividade, como a festa do nascimento, passando, então, a da Epifania, a ser sobretudo o dia baptismal.

Por muitos testemunhos antigos, vê-se que a Epifania tende a condensar, numa só festividade, as várias manifestações do Senhor. Ainda hoje, a antífona do Magnificat, nas segundas Vésperas desta festa, anuncia: «Recordamos neste dia três mistérios: hoje a estrela guiou os Magos ao presépio; hoje, nas bodas de Caná, a água foi mudada em vinho; hoje, no rio Jordão, Cristo quis ser baptizado, para nos salvar». O enviado de Deus, a quem, apenas há uns dias, celebrámos como criança, manifesta-se progressivamente como Messias: aos Magos, no Jordão e no seu primeiro milagre, em Caná.

Em alguns países, sobretudo se não for dia de preceito, trasladou-se esta festa para o domingo que cai entre o dia 2 e o dia 8 de Janeiro. No dia da Epifania existe também o antigo costume de proclamar, depois do Evangelho, a calenda, ou seja, o calendário das festas móveis de todo o ano, sobretudo a data da Páscoa. Cristo, o novo Sol, a Luz que vai triunfando sobre a obscuridade, dá sentido a todo o transcorrer do tempo e do ano.

JOSÉ ALDAZÁBAL

https://www.liturgia.pt/dicionario/dici_ver.php?cod_dici=143